NARRATIVAS CULTURAIS QUILOMBOLAS COMO POTENCIALIDADES CURRICULARES

Andréa Conceição dos Santos
Secretaria de Educação do Estado da Bahia, Itacaré, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-7918-1840
Endereço eletrônico: andreaitacare2014@outlook.com

Jeanes Martins Larchert
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2232-9646
Endereço eletrônico: jeanes@uesc.br

Palavras-chave: tradição quilombola; História afro-brasileira; formação de professor.

INTRODUÇÃO

A construção de uma educação antirracista no contexto da Educação Básica exige o reconhecimento da pluralidade de formas de produção do conhecimento e a superação de práticas curriculares historicamente marcadas pelo eurocentrismo. Aprofundamos esse debate em uma pesquisa que problematiza as narrativas culturais quilombolas do município de Itacaré-Bahia, tensionando o currículo escolar para o diálogo com os saberes culturais locais. Objetivamos analisar os saberes e fazeres das comunidades quilombolas com vistas a construir práticas que evidenciem, traduzam e valorizem a cultura local na formação continuada dos professores.

Os quilombos constituem espaços de resistência política, cultural e epistemológica, preservando memórias e saberes ancestrais transmitidos pela tradição oral, os quais desafiam as lógicas hegemônicas da escola (Brasil, 2012). Conforme Freire (2005), a educação como prática de liberdade pressupõe o reconhecimento dos saberes produzidos pelos sujeitos em seus contextos históricos e culturais.

Nessa perspectiva, cabe à escola promover práticas pedagógicas comprometidas com a valorização dos saberes das comunidades tradicionais quilombolas, incorporando-os ao

currículo como conhecimentos legítimos e fundamentais para a construção de uma educação antirracista.

Entretanto, as práticas e as relações pedagógicas ainda são pautadas por comportamentos de superioridade de determinados grupos e invisibilização de outros, embora o município possua uma histórica presença de comunidades quilombolas e um expressivo patrimônio afro-brasileiro que permanece pouco comtemplado nos conteúdos curriculares, contribuindo para a naturalização do preconceito e do racismo.

METODOLOGIA

O *locus* da pesquisa são escolas da rede pública Estadual do município de Itacaré e as comunidades quilombolas. A singularidade do município reside na permanência de um campesinato negro e quilombola que consolidou identidades em torno do território e da ancestralidade e das práticas culturais. O município abriga oito comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, distribuídas entre rurais e urbanos.

Nos territórios urbanos, destacam-se o Porto de Trás, localizado às margens do Rio de Contas e reconhecido pela preservação do cortejo musical *Bicho Caçador*, e a comunidade do Marimbondo, situada na região central do município e composta por aproximadamente 450 famílias e reconhecido pela manifestação cultural da Volta da Jiboia, importante expressão da memória e da identidade quilombola.

No contexto rural, encontram-se os quilombos de João Rodrigues, Santo Amaro, Fojo, Serra de Água, Porto do Oitizeiro e Água Vermelha, comunidades que preservam práticas religiosas, conhecimentos da pesca artesanal, agricultura familiar, cultivo do cacau, funcionamento de casas de farinha e formas de cooperação comunitária transmitidas entre gerações.

O percurso metodológico caracteriza-se como um estudo de caso participante, conforme afirma Brandão (2006), “uma pesquisa é participante não porque atores sociais populares participam como coadjuvantes dela, mas porque ela se projeta, realiza e desdobra através da participação ativa e crescente de tais atores”. (Brandão, 2006, p.10)

Tal concepção fundamenta a inserção da pesquisadora, quilombola e residente na comunidade do Porto de Trás, nos territórios investigados durante três meses. Os/as colaboradores/as da pesquisa são dezesseis quilombolas, sendo duas/dois representantes mais

velhos de cada comunidade, reconhecidos/as como guardiões/ãs da memória coletiva (Bâ,2010).

A produção dos dados ocorre por meio de entrevistas semiestruturadas, orientada por um roteiro organizado em cinco eixos temáticos: **(**I) trajetórias de vida; (II) memória, oralidade e saberes tradicionais; (III) educação e experiências escolares; (IV) cultura escolar e educação quilombola; e (V) memória, identidade e resistência.

A pesquisa está organizada em cinco etapas: realização de entrevistas semiestruturadas; catalogação sistemática dos saberes identificados e sua articulação com conteúdo escolares; desenvolvimento de oficinas de contação de histórias e rodas de diálogo entre escola e comunidade quilombola; planejamento participativo com professores para elaboração de estratégias pedagógicas antirracistas; e análise dos dados por meio da transcrição integral das entrevistas e identificação de eixos temáticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise preliminar da primeira narrativa realizada com dona Maria que é moradora do Quilombo Urbano do Maribondo, permitiu identificar aspectos relacionados à ancestralidade, que emerge quando a entrevistada atribui à sua mãe, Benedita (nome fictício), a transmissão dos saberes que orientaram sua formação humana e cultural. Ao afirmar que "foi minha mãe quem me ensinou tudo o que sei", evidencia-se o papel das mulheres quilombolas na preservação e na transmissão intergeracional dos conhecimentos tradicionais. Essa narrativa dialoga com a compreensão de Bâ (2010), para quem a tradição oral constitui um sistema de memória coletiva, sendo os mais velhos responsáveis pela preservação dos conhecimentos ancestrais.

Outro aspecto identificado refere-se à memória coletiva e às manifestações culturais**.** A entrevistada relata que a manifestação cultural Volta da Jiboia, preservada há gerações(de mãe para filha), no Quilombo Urbano do Marimbondo, teve origem em uma experiência vivenciada por sua mãe, Benedita (nome fictício), durante a coleta de cipó na mata para a confecção de cestos. Segundo a narrativa, ao atravessar um brejo em uma noite escura, sem lua, Benedita pisou sobre um animal que, pelo seu tamanho, deduziu ser uma jiboia. O episódio inspirou a criação de uma brincadeira com as crianças da comunidade, da qual surgiu a cantiga *"Olha a Volta da Jiboia, se mamãe quiser..."*, entoada ao som de tambores, palmas e

movimentos corporais que representam a cobra.

A narrativa evidencia como a oralidade e as experiências vividas no território são ressignificadas e transformadas em práticas culturais, preservando a memória coletiva, a identidade quilombola e os saberes tradicionais transmitidos entre gerações. A entrevistada demonstra, ainda, preocupação com a continuidade dessa manifestação diante da reduzida participação das novas gerações, indicando a necessidade de fortalecer os processos de transmissão cultural. Nesse sentido, Larchert (2013, p. 145) afirma que "é a memória oral que permite conhecer esses tempos passados [...] a memória não deixa a história ser esquecida, muito menos ser calada", evidenciando que as narrativas orais constituem importantes mecanismos de preservação da identidade e da história das comunidades quilombolas.

A análise evidencia aspectos relacionados à escola e ao currículo, ao falar sobre a relação entre a comunidade e a escola, dona Maria afirma que "a cultura da comunidade só é lembrada em algumas datas; ela deveria ser ensinada o ano inteiro". Destaca que manifestações culturais, como a Volta da Jiboia, apesar de sua relevância histórica e cultural para a comunidade, permanecem pouco conhecida pela escola, impedindo o reconhecimento dos saberes produzidos no território como conhecimentos que dialogam com a escolar, discussão levantada por Gomes (2012), ao defender a descolonização curricular por meio do reconhecimento de epistemologias historicamente invisibilizadas.

Os dados preliminares indicam que as narrativas culturais quilombolas constituem importantes potencialidades curriculares, ao evidenciarem conhecimentos relacionados à oralidade, à ancestralidade, à memória coletiva e à identidade quilombola. Esses elementos apontam caminhos para a construção de práticas pedagógicas contextualizadas, comprometidas com a implementação da Lei nº 10.639/2003 e com a descolonização curricular.

CONCLUSÕES

Como a pesquisa está em andamento, os dados são preliminares e apontam para a valorização da oralidade e da ancestralidade presentes nas comunidades quilombolas de Itacaré. Esses saberes não representam mera adição de conteúdos aos currículos escolares, mas configura um movimento de resistência epistemológica e de descolonização curricular, (Gomes,2012). Ao reconhecer os sujeitos quilombolas como produtores legítimos de

conhecimento e integrar suas narrativas ao cotidiano escolar, torna-se possível avançar na implementação da Lei nº 10.639/2003, transformando a escola em um espaço de justiça cognitiva, reparação histórica e efetivação de uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.** Diário Oficial da União: Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Etcnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: MEC, [s.d]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/. Acesso em 11 jul.2026.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues**.** A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: STRECK, Danilo R.; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**: o saber da partilha. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Nilma Lino**.** Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012.

HAMPATÊ BÂ, A. A **Tradição Viva.** In: KI-ZERBO, J (Coord.). História Geral da África. I. Metodologia e pré-história da África. Tradução Beatriz Turquetti. 2. ed. ver. São Paulo: Ática, Brasília, DF: UNESCO, 2010.1.V.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LARCHERT, Jeanes Martins. **Resistência e seus processos educativos na comunidade negra rural Quilombola do Fojo** - BA. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 201368/9.